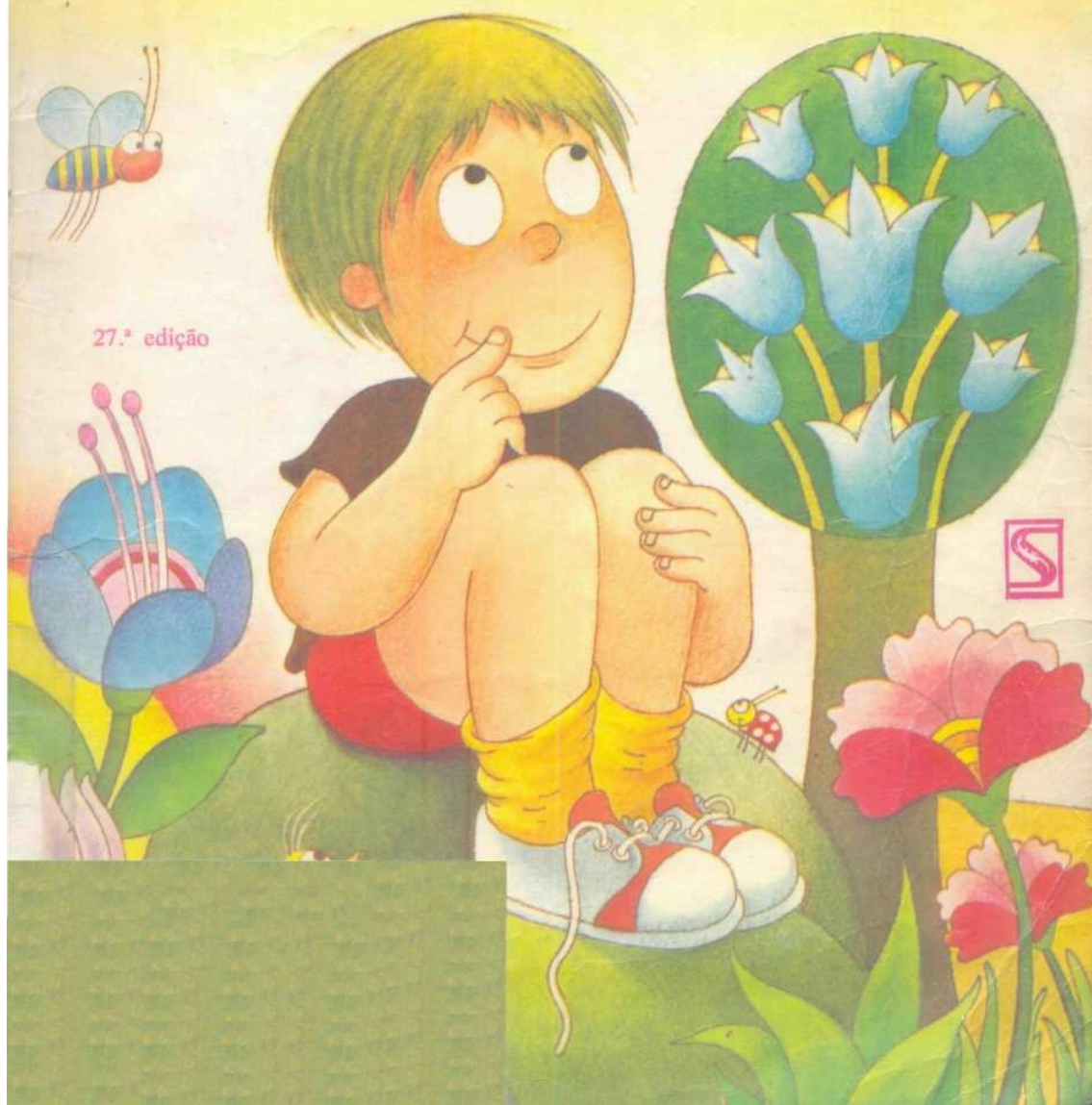


Ruth Rocha

Marcelo, marmelo, martelo

e outras histórias

27.ª edição



Copyright © 1976, Ruth Rocha

Capa e ilustrações: Adalberto Cornavaca

Todos os direitos reservados com exclusividade pela

SALAMANDRA CONSULTORIA EDITORIAL S.A.

Av. Nilo Peçanha, n° 155/510 — centro ~ CEP 20.020

Tel.: 240-6306 Rio de Janeiro, RJ.



Este livro foi impresso na

LIS GRAFICA E EDITORA LTDA.

Rua Visconde de Parnaíba, 2.753 - Belenzinho

CEP 03045 - São Paulo - SP - Fone: 292-5666

com filmes fornecidos pelo editor.

Ruth Rocha

Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias



Marcelo, Marmelo, Martelo





Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

— Papai, por que é que a chuva cai?

— Mamãe, por que é que o mar não derrama?

— Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?

As pessoas grandes às vezes respondiam.

Às vezes, não sabiam como responder.

— Ah, Marcelo, sei lá...



Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:

— Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?

— Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.

— E por que é que não escolheram martelo?

— Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta...

— Por que é que não escolheram marmelo?

— Porque marmelo é nome de fruta, menino!

— E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?

No dia seguinte, lá vinha ele outra vez:

— Papai, por que é que mesa chama mesa?

— Ah, Marcelo, vem do latim.

— Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?

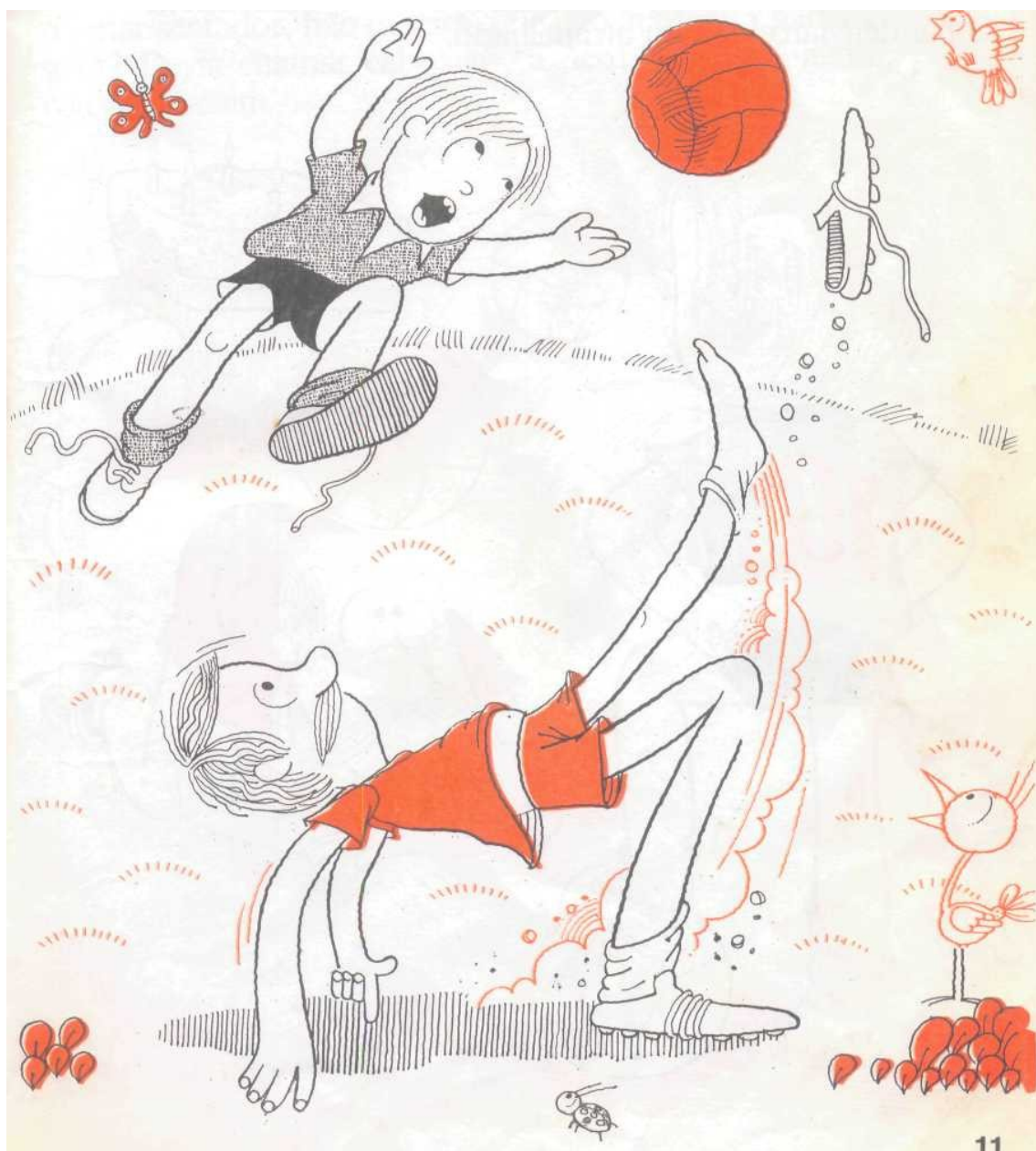
— Não, Marcelo, latim é uma língua muito antiga.

— E por que é que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, e na parede nome de bacalhau?

— Ai, meu Deus, este menino me deixa louco!



Daí a alguns dias, Marcelo estava jogando futebol com o pai:
— Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas. Por exemplo: por que é que bola chama bola?



— Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?

— Lembra, sim, mas... e bolo?

— Bolo também é redondo, não é?

— Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado...

O pai de Marcelo ficou atrapalhado.



E Marcelo continuou pensando:

"Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim".



Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

— Mamãe, quer me passar o mexedor?

— Mexedor? Que é isso?

— Mexedorzinho, de mexer café.

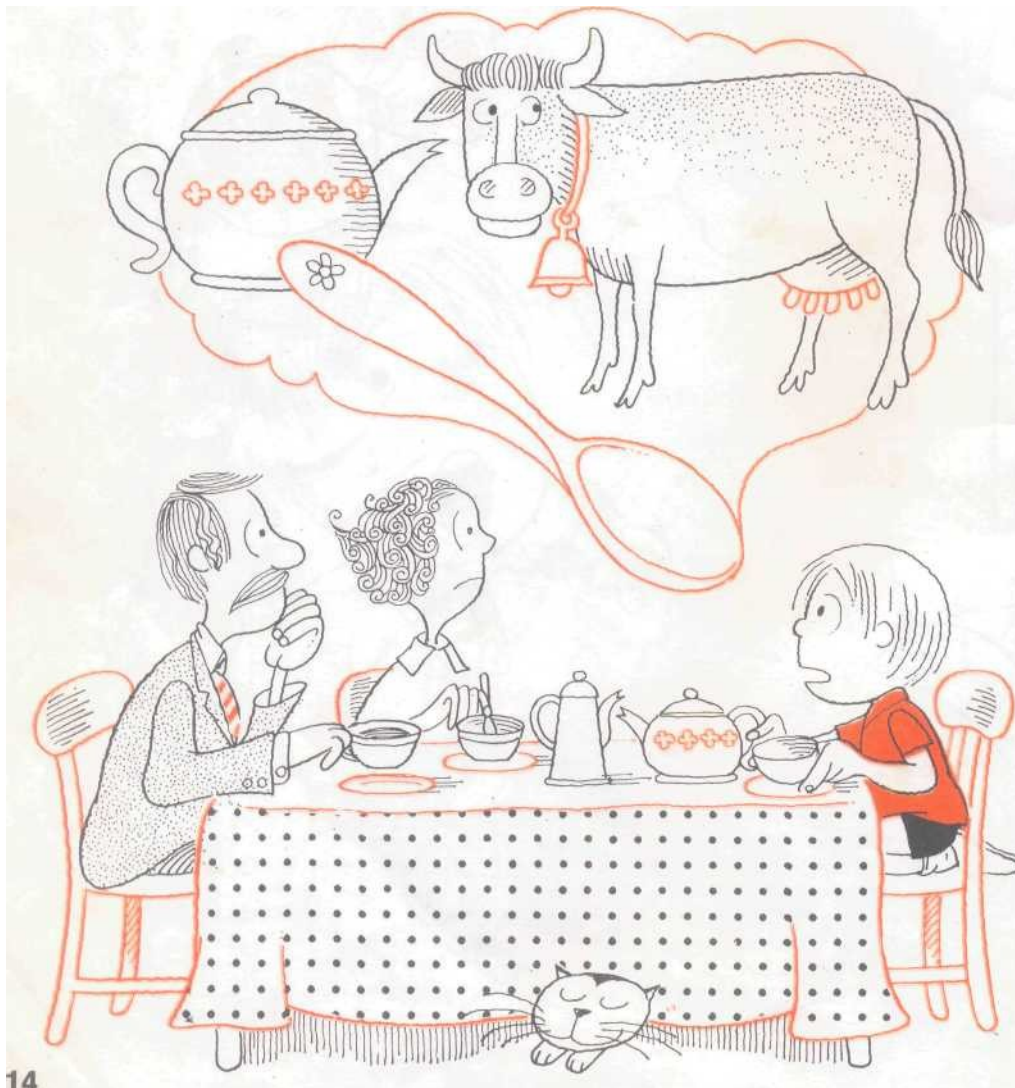
— Ah... colherinha, você quer dizer.

— Papai, me dá o suco de vaca?

— Que é isso, menino!

— Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.

— Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?



O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

— Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende...

— Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?



— Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!

— Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?

O pai de Marcelo suspirou:

— Vá brincar, filho, tenho muito que fazer...

Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes. E resolveu continuar a falar, à sua moda. Chegava em casa e dizia:

— Bom solário pra todos...

O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada. E Marcelo continuava inventando:

— Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor ficou danado.



A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada. Conversou com o pai:

— Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com essa mania de inventar nomes para as coisas... Você já pensou, quando começarem as aulas? Esse menino vai dar trabalho...

— Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa. Coisa de criança...



Mas estava custando a passar... Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:

— Bom solário, bom lunário... — que era como ele chamava o dia e a noite.

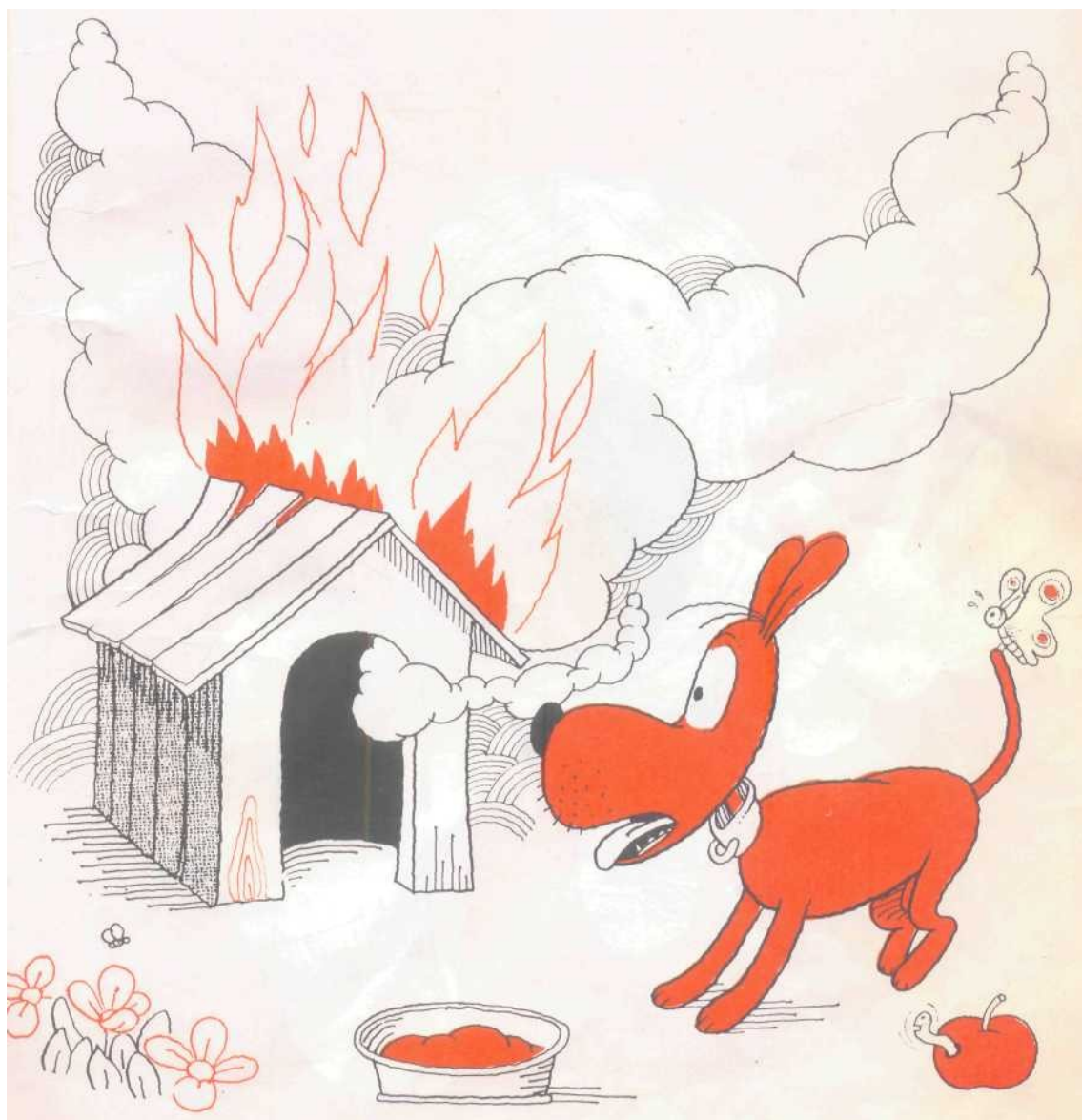
E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.



Até que um dia...

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo.

E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo. Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre!



Marcelo entrou em casa correndo:

— Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

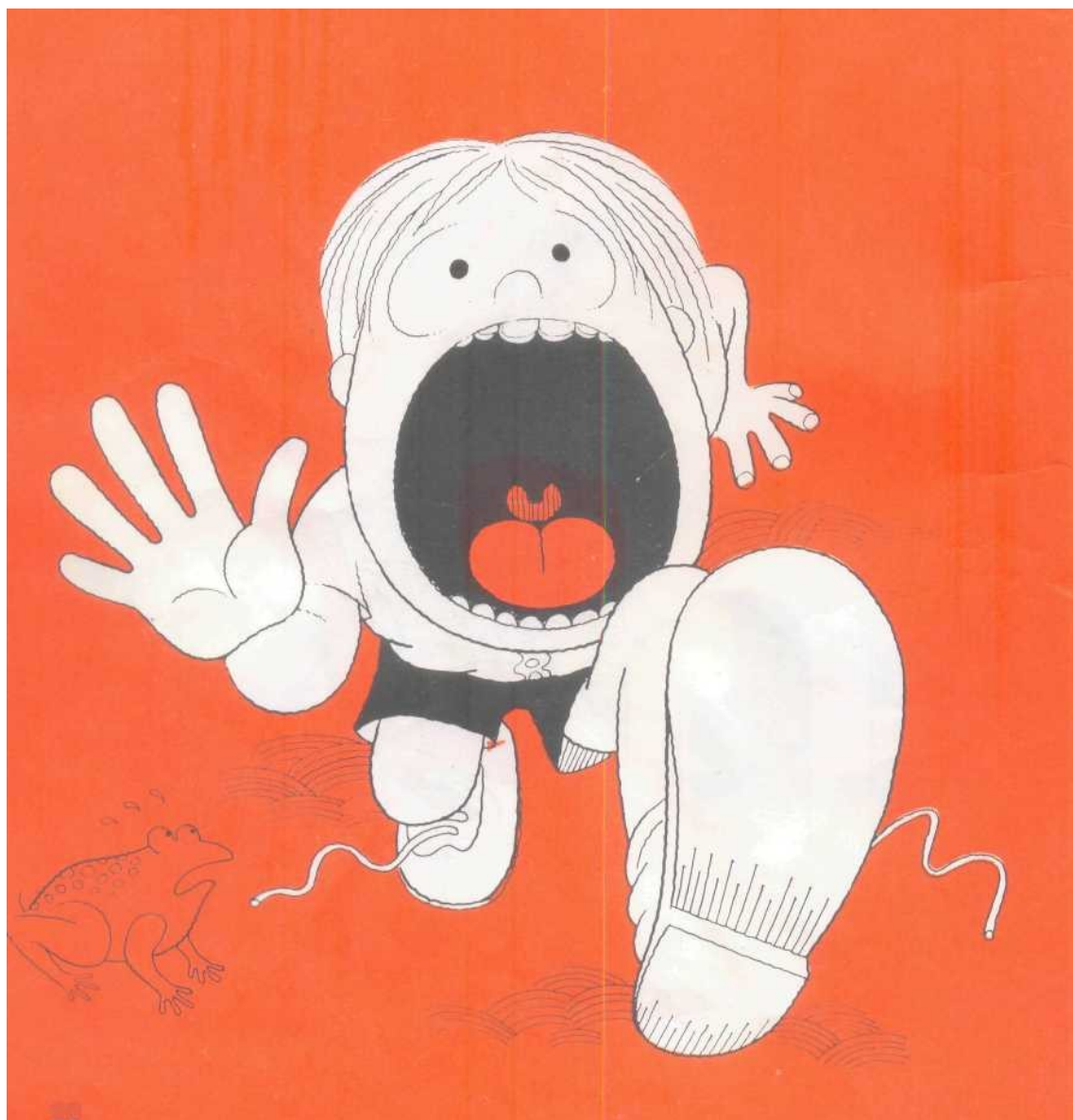
— O quê, menino? Não estou entendendo nada!

— A moradeira, papai, embrasou...

— Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

— Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada...



Quando Seu João chegou a entender do que Marcelo estava falando, já era tarde.

A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas.

O Godofredo gania baixinho...

E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

— Gente grande não entende nada de nada, mesmo!



Então a mãe do Marcelo olhou pro pai do Marcelo.

E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo.

E o pai do Marcelo falou:

— Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo.

E a mãe do Marcelo disse:

— É sim! Toda branquinha, com a entrada na frente e um cobridor bem vermelhinho...



E agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem.
O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força pra entender o que ele fala.
E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam...



Você gostou do fim da história?

Se você fosse o autor,

como é que você gostaria

que a história acabasse?

Por que é que você não escreve

a história de um menino,

ou de uma menina,

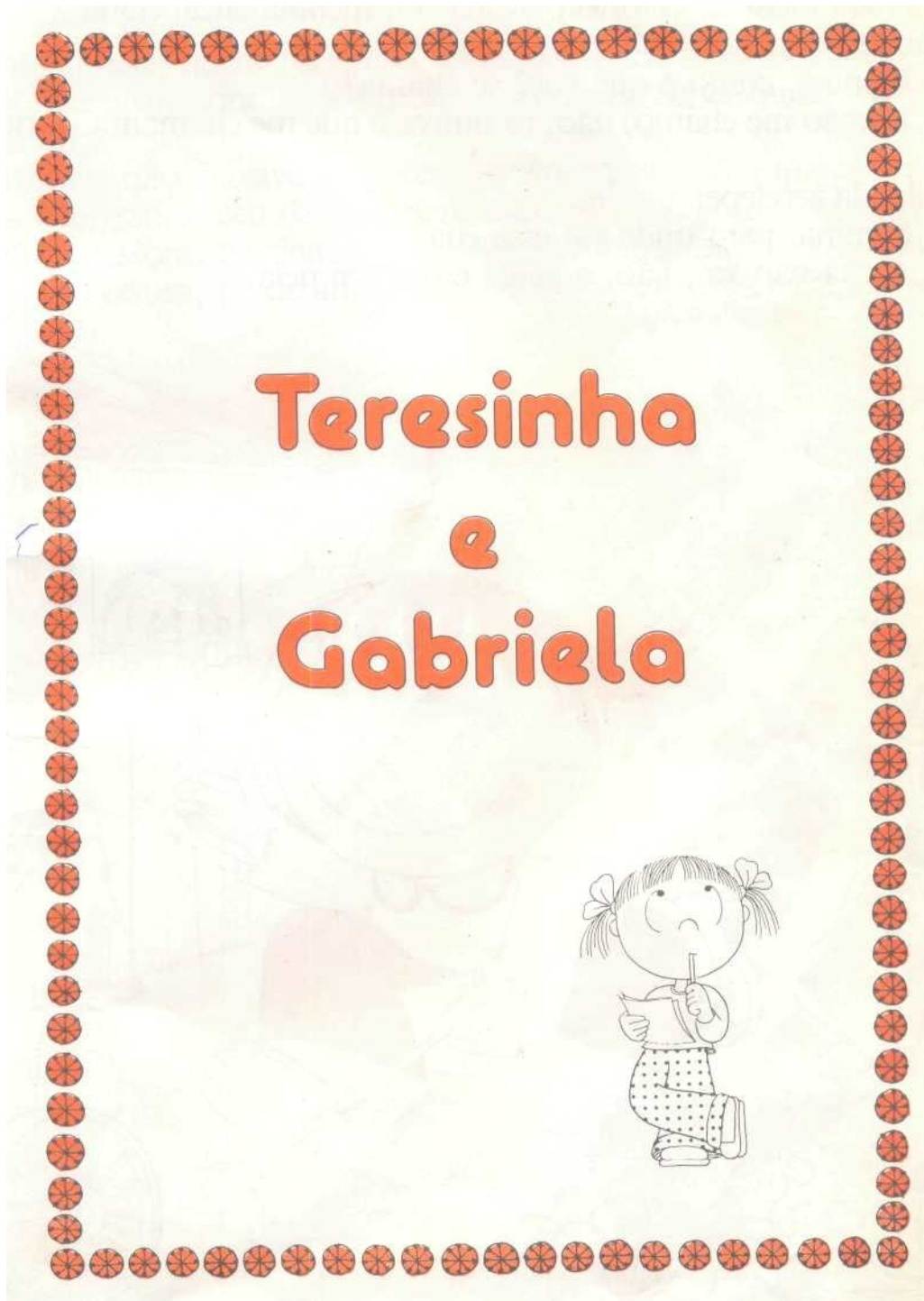
que também inventou

um jeito diferente de falar?

Depois, mostre sua história

à sua professora.





Gabriela menina, Gabriela levada. Ô, menina encapetada...

Gabriela sapeca:

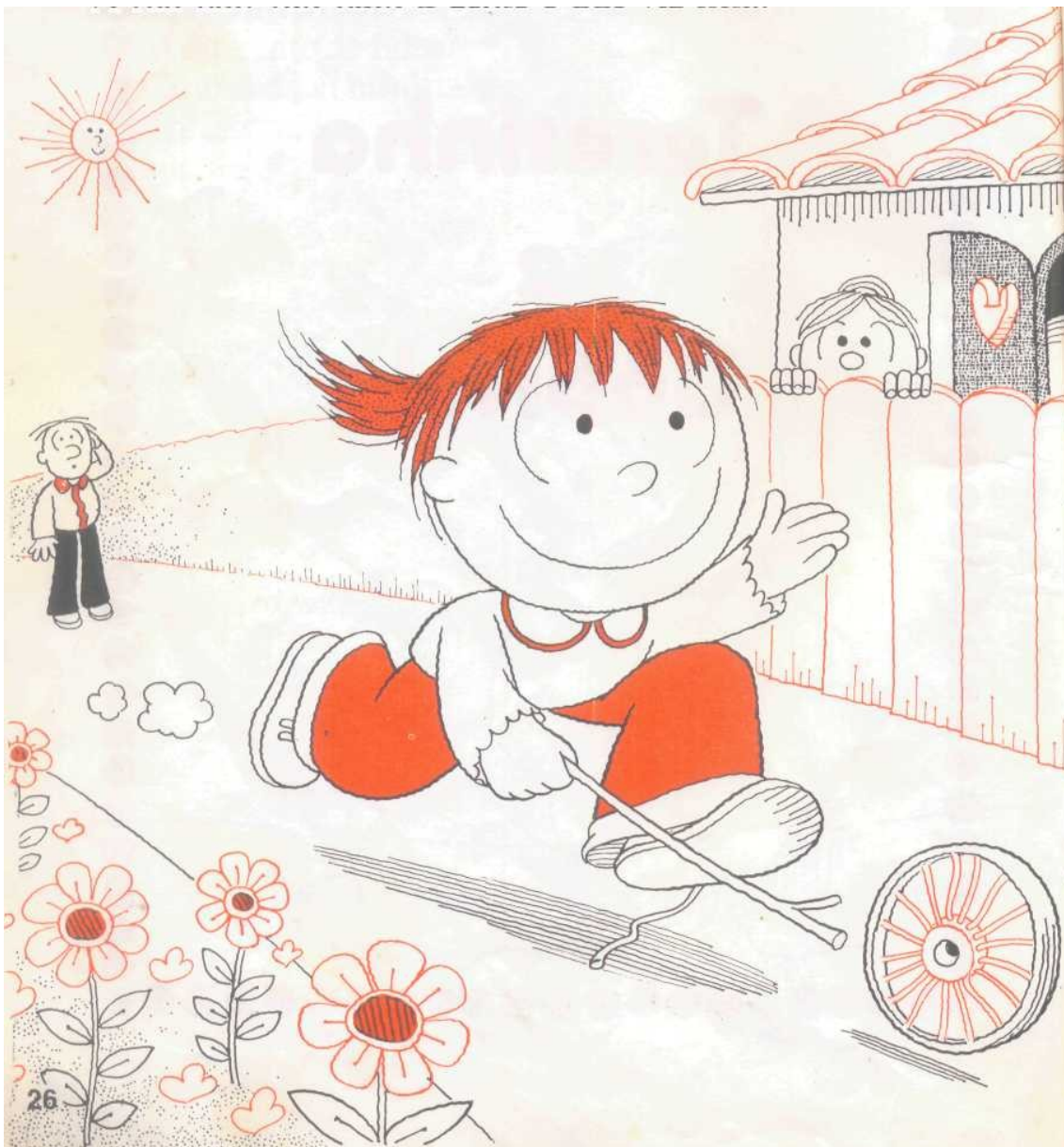
— Menina, como é que você se chama?

— Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam Gabriela.

Gabriela serelepe:

— Menina, para onde vai essa rua?

— A rua não vai, não, a gente é que vai nela.



Gabriela na escola:

— Gabriela, quem foi que descobriu o Brasil?

— Ah, professora, isso é fácil, eu só queria saber quem foi que cobriu.

Gabriela não deixava a professora em paz:

— Professora, céu da boca tem estrelas?

— Professora, barriga da perna tem umbigo?

— Professora, pé de alface tem calos?



Gabriela era quem inventava as brincadeiras

— Vamos brincar de amarelinha?

Todo mundo ia.

— Vamos brincar de pegador?

Todos concordavam.

Todos queriam brincar com Gabriela.



Foi aí que mudou, para a mesma rua da Gabriela, a Teresinha.

Teresinha loirinha, bonitinha, arrumadinha.

Teresinha estudiosa, vestida de cor-de-rosa.

Teresinha.

Que belezinha...



Os amigos vinham contar a Gabriela:

— Teresinha tem um vestido com rendinha.

— Teresinha tem uma caixinha de música.

— Teresinha tem cachos no cabelo.

Gabriela já estava enciumada:

— Grande coisa, cachos! Bananeira também tem cachos!



Gabriela não queria nem ver Teresinha:

- Menina enjoada, não sabe correr, não suja o vestido, só vive estudando. Deus me livre!
- Mas ela é boazinha — os meninos diziam.
- Boazinha, nada! Ela é sonsa.
- Mas você nunca falou com ela, Gabriela.
- Não interessa. Não falei e não gostei, pronto!



Mas Gabriela já estava impressionada, de tanto que falavam da

Teresinha.

E Gabriela começou a se olhar no espelho e achar o seu cabelo muito sem graça:

— Mamãe, eu queria fazer cachos nos cabelos.

— Mamãe, eu queria um vestido cor-de-rosa.

— Mamãe, eu queria uma caixinha de música.



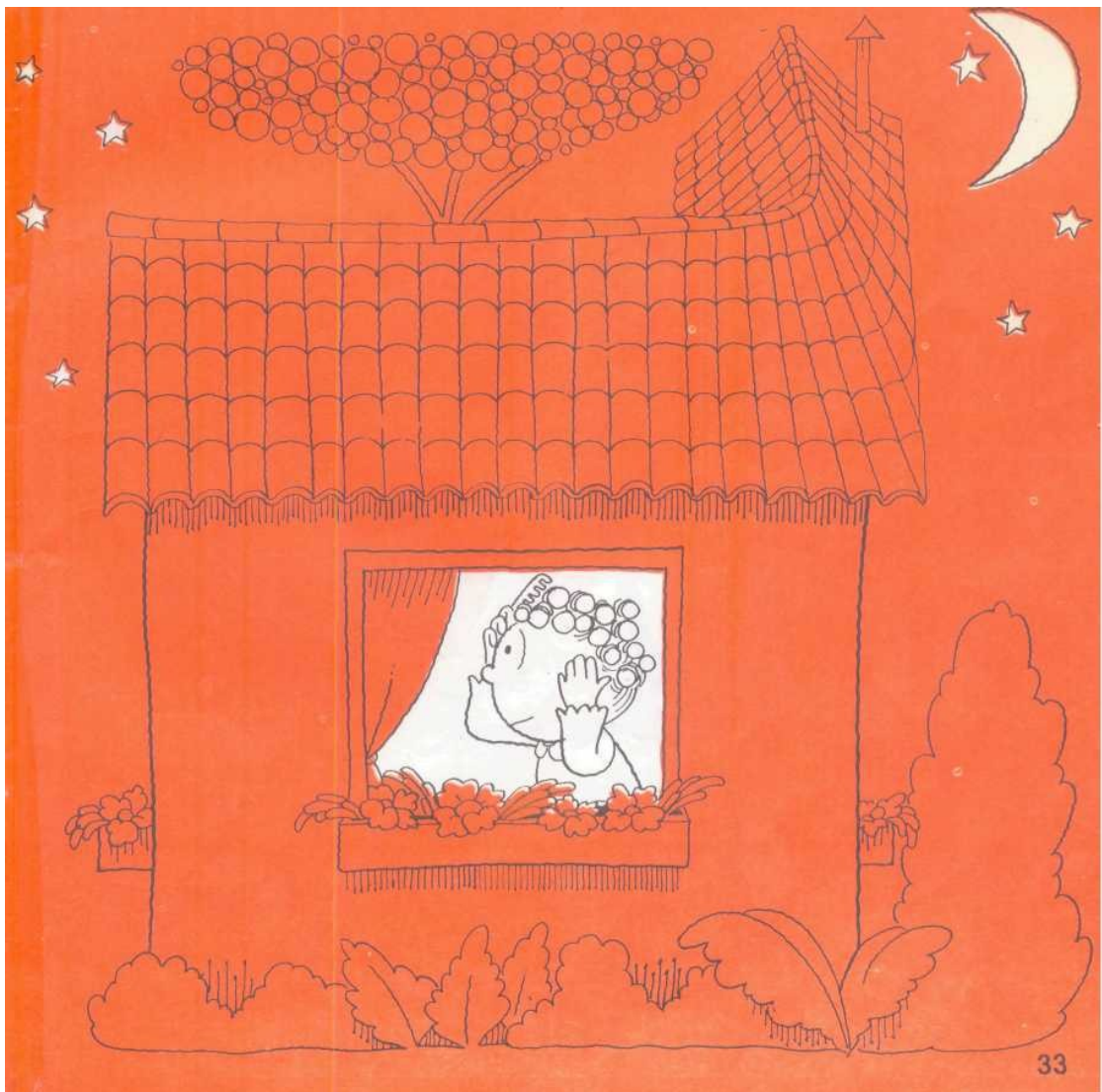
E Gabriela começou a se modificar.

Na escola, no recreio, Gabriela não pulava corda e nem brincava de esconde-esconde.

Ficava sentadinha, quietinha, fazendo tricô.

De tarde, Gabriela não ia mais brincar na rua para não sujar o vestido.

E, à noite, muito em segredo, Gabriela enchia a cabeça de papelotes para encrespar os cabelos.



Os amigos vinham chamar Gabriela:

— Gabriela, vamos andar de bicicleta?

— Agora eu não posso — respondia Gabriela. — Preciso ajudar a mamãe.



A mãe de Gabriela estranhava:

— Que é isso, menina? Você não tem nada para fazer agora.

E Gabriela, com ares de gente grande, respondia:

— Eu já estou crescida para essas brincadeiras...

E Teresinha?

O que é que estava acontecendo com Teresinha?

Teresinha só ouvia falar de Gabriela:

— Gabriela é que sabe pular corda.

— Gabriela usa rabo-de-cavalo para o cabelo não atrapalhar.

— Gabriela só usa calças compridas. Teresinha respondia com pouco-caso:

— Que menina mais sem modos! Deus me livre...



Mas, quando as crianças saíam, Teresinha pedia:

— Mamãe, eu quero umas calças compridas.

E, no fundo do quintal, Teresinha treinava, pulando corda e amarelinha, para ir brincar na rua, como Gabriela.

E, na primeira vez que as duas se encontraram, a turma nem queria acreditar.

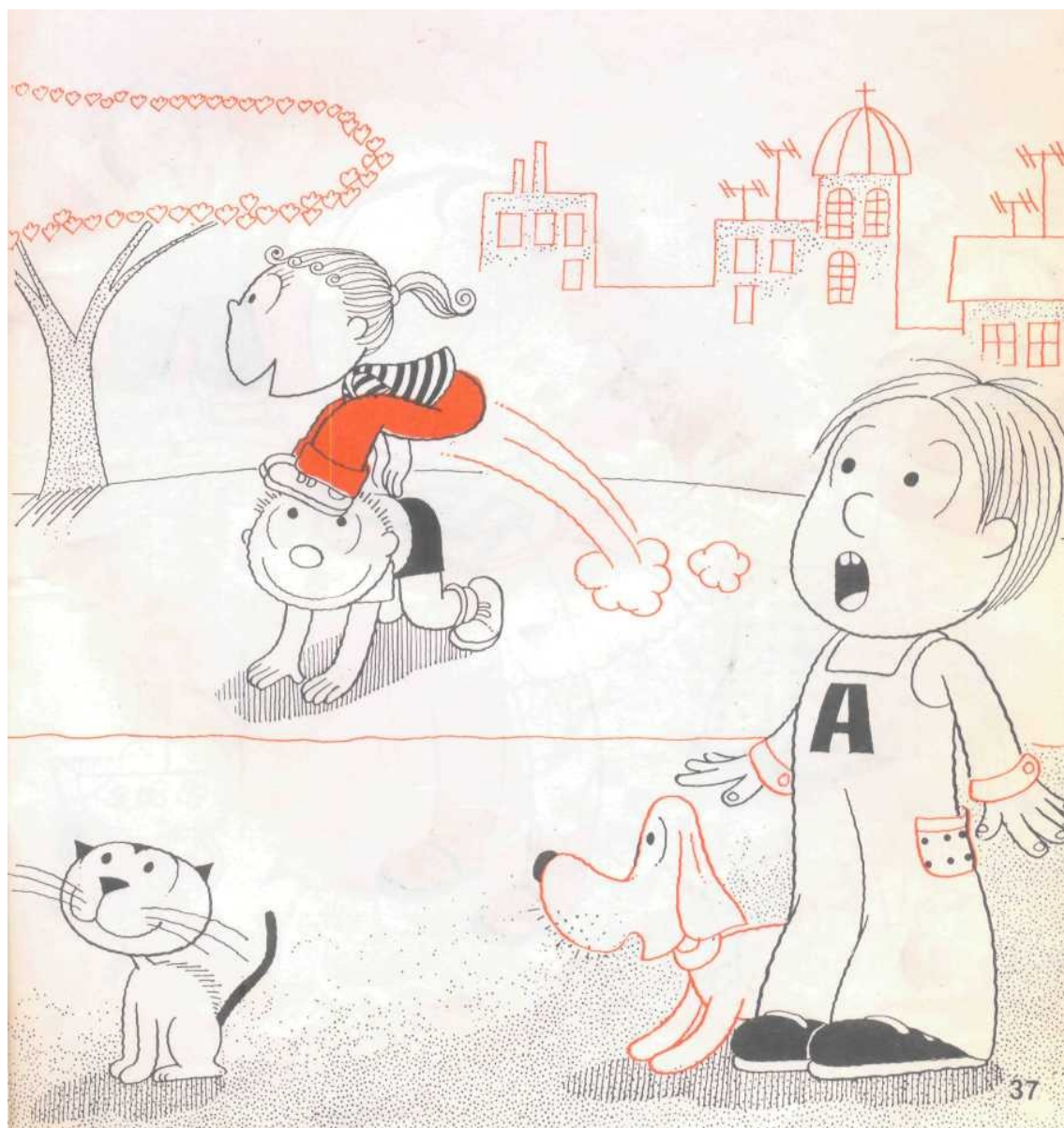


Gabriela, fazendo pose de moça, de cabelos cacheados, sapatos de

pulseirinha, vestido todo bordado.

Gabriela empurrando o carrinho da boneca, comportadíssima.

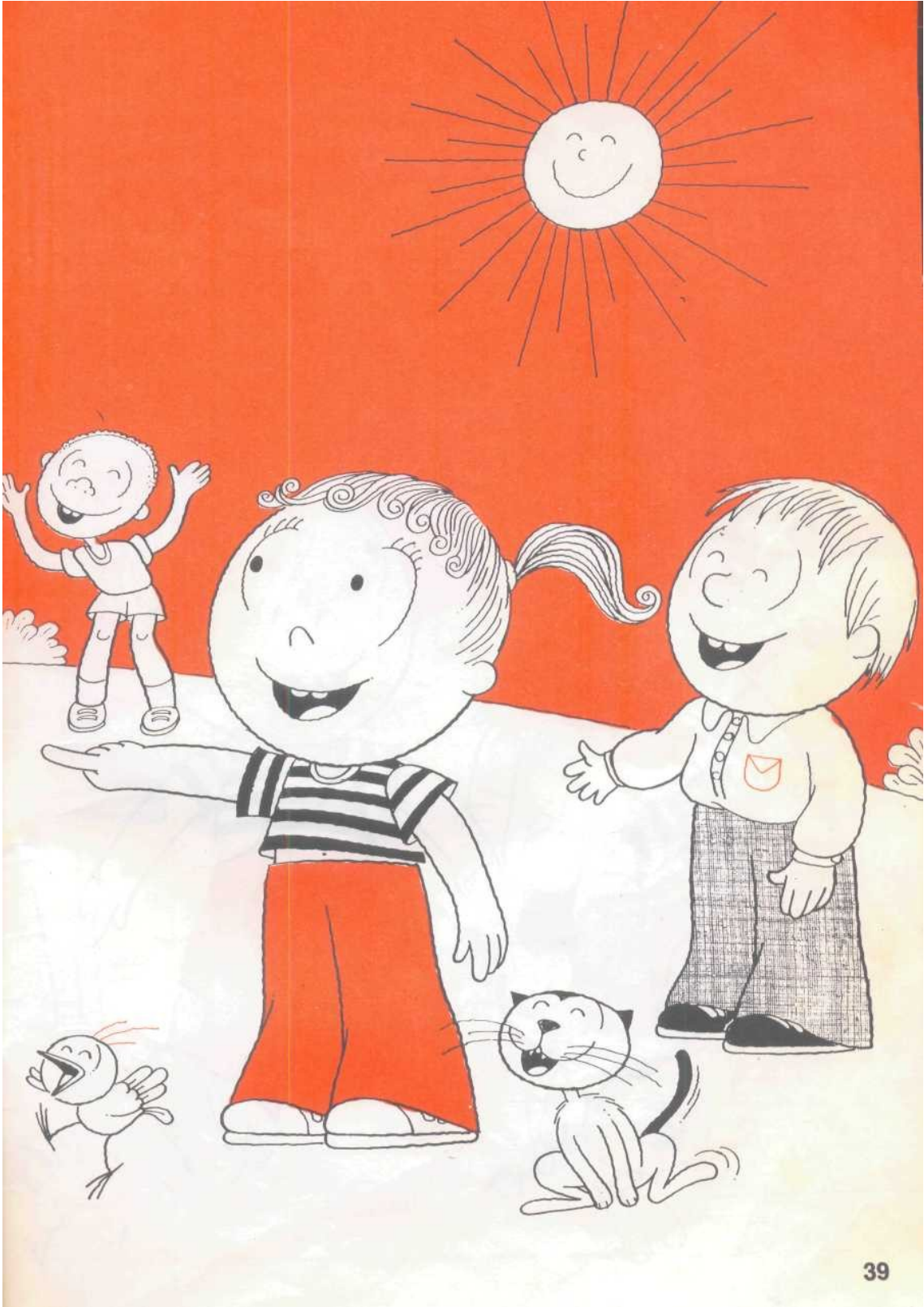
Teresinha pulando sela, assoviando, levadíssima.



As duas se olharam, no começo, desconfiadíssimas.

Depois, começaram a rir porque estavam mesmo muito engraçadas.





Agora, Teresinha e Gabriela são grandes amigas.

E cada uma aprendeu muito com a outra.

Gabriela sabe a lição de história do Brasil, embora seja ainda a campeã de bolinha de gude.

E Teresinha, embora seja ainda uma boa aluna na escola, já sabe andar de bicicleta, pular amarelinha, e até já está aprendendo a fazer suas gracinhas.

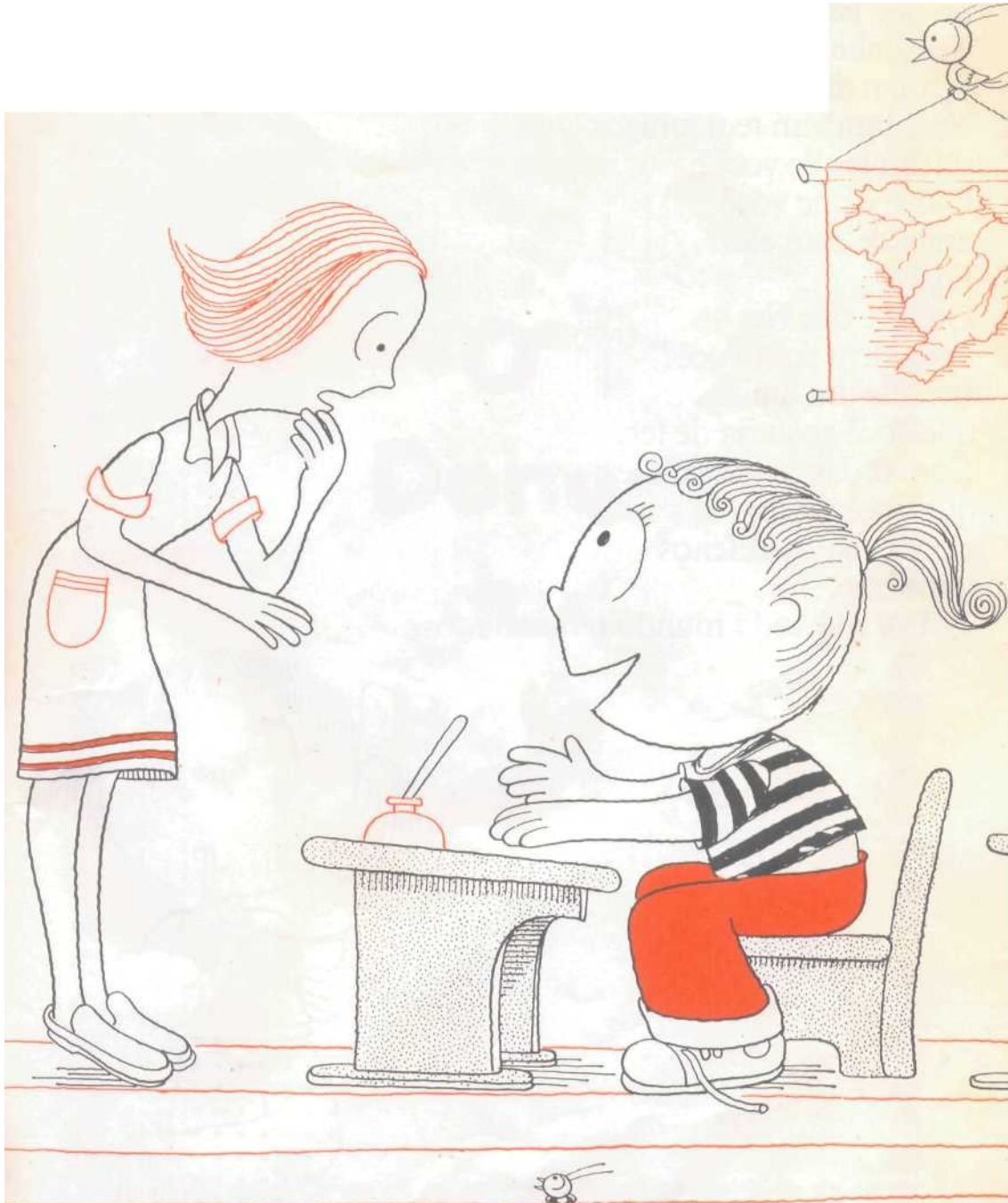


Ontem, quando a professora perguntou a Teresinha:

— Minha filha, o que você vai ser quando crescer?

Teresinha não teve dúvidas:

— Vou ser grande, ué!



Você acha que foi bom
ou que foi ruim
Terezinha e Gabriela
ficarem amigas?
Você também tem amigos
diferentes de você?
O que é que você
aprende com eles?
E eles?
O que é que eles
aprendem com você?
Invente um amigo
que você gostaria de ter.
Com todas as qualidades
que você gosta,
e com alguns defeitos
também...
— Por que todo mundo tem defeitos.



O Dono da Bola



Este é o Caloca. Ele é um amigo legal. Mas ele não foi sempre assim, não. Antigamente ele era o menino mais enjoado de toda a rua. E não se chamava Caloca.

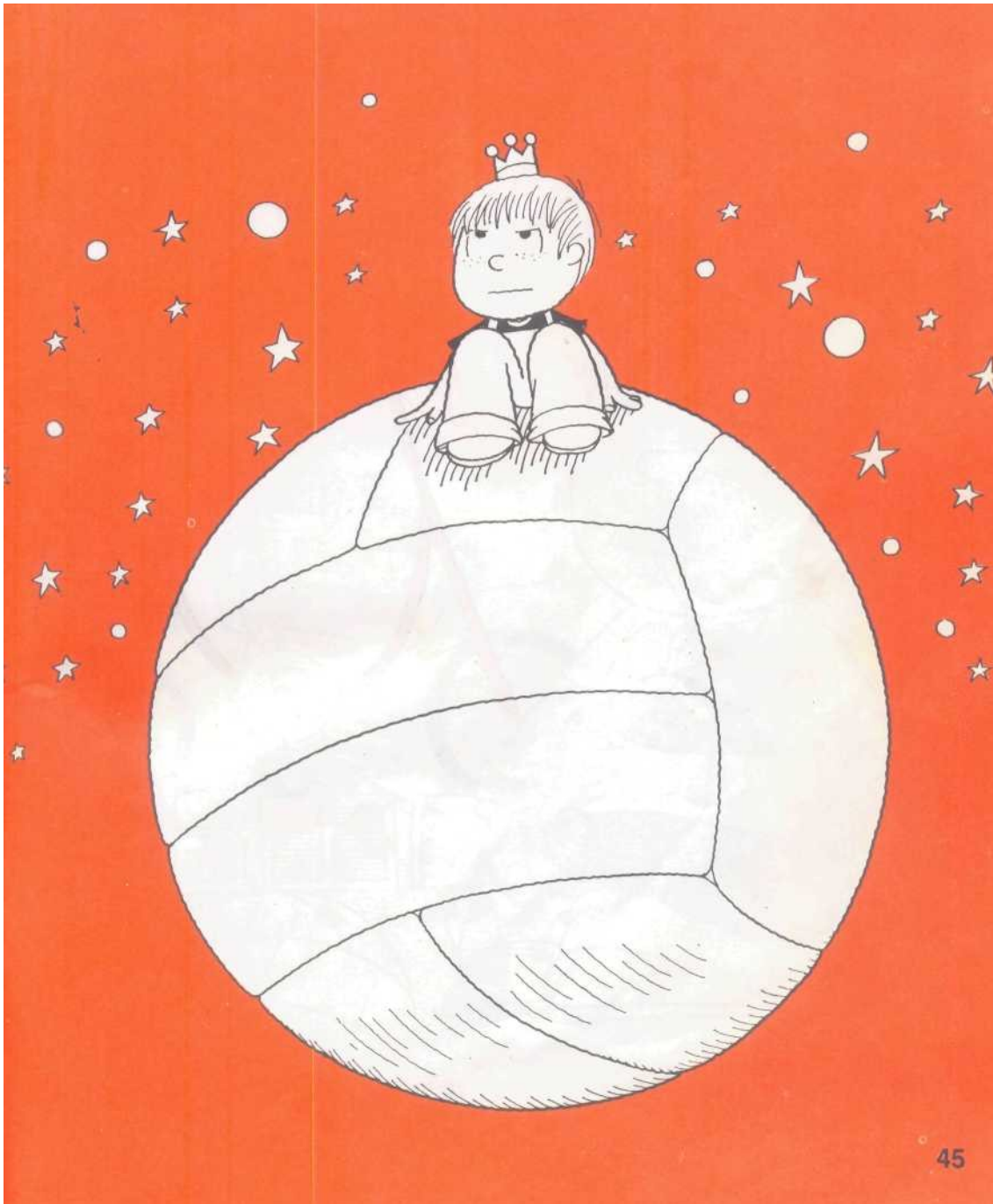
O nome dele era Carlos Alberto.



E sabem por que ele era assim enjoado?

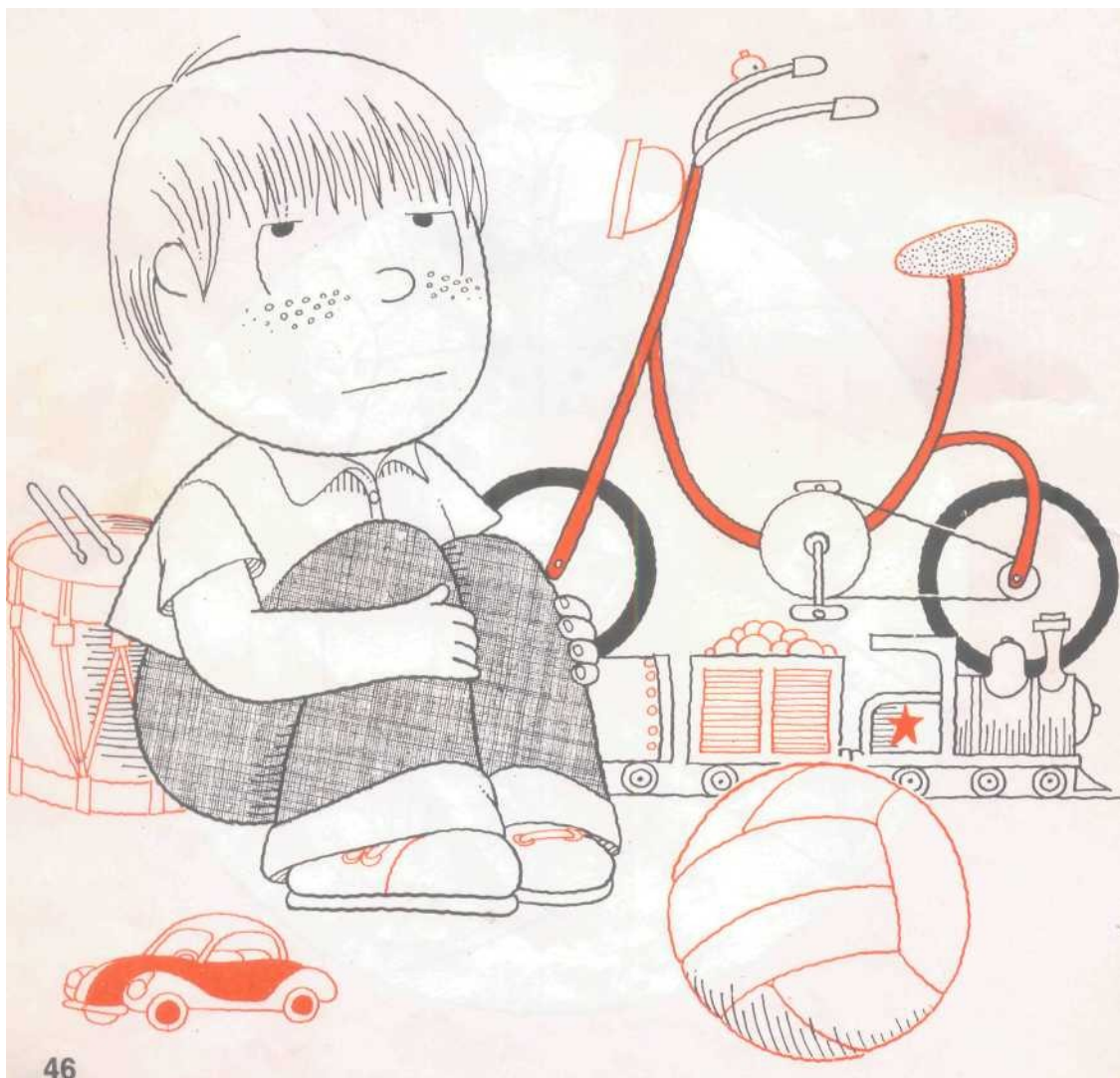
Eu não tenho certeza, mas acho que é porque ele era o dono da bola.

Mas me deixem contar a história, do começo.



Caloca morava na casa mais bonita da nossa rua. Os brinquedos que Caloca tinha, vocês não podem imaginar! Até um trem elétrico ele ganhou do avô.

E tinha bicicleta, com farol e buzina, e tinha tenda de índio, carrinhos de todos os tamanhos e uma bola de futebol, de verdade. Caloca só não tinha amigos. Porque ele brigava com todo mundo. Não deixava ninguém brincar com os brinquedos dele. Mas futebol ele tinha que jogar com a gente, porque futebol não se pode jogar sozinho.



O nosso time estava cheio de amigos. O que nós não tínhamos era bola de futebol. Só bola de meia, mas não é a mesma coisa. Bom mesmo é bola de couro, como a do Caloca. Mas, toda vez que a gente ia jogar com Caloca, acontecia a mesma coisa. Era só o juiz marcar qualquer falta do Caloca que ele gritava logo:

— Assim eu não jogo mais! Dá aqui a minha bola!

— Ah, Caloca, não vá embora, tenha espírito esportivo, jogo é jogo...

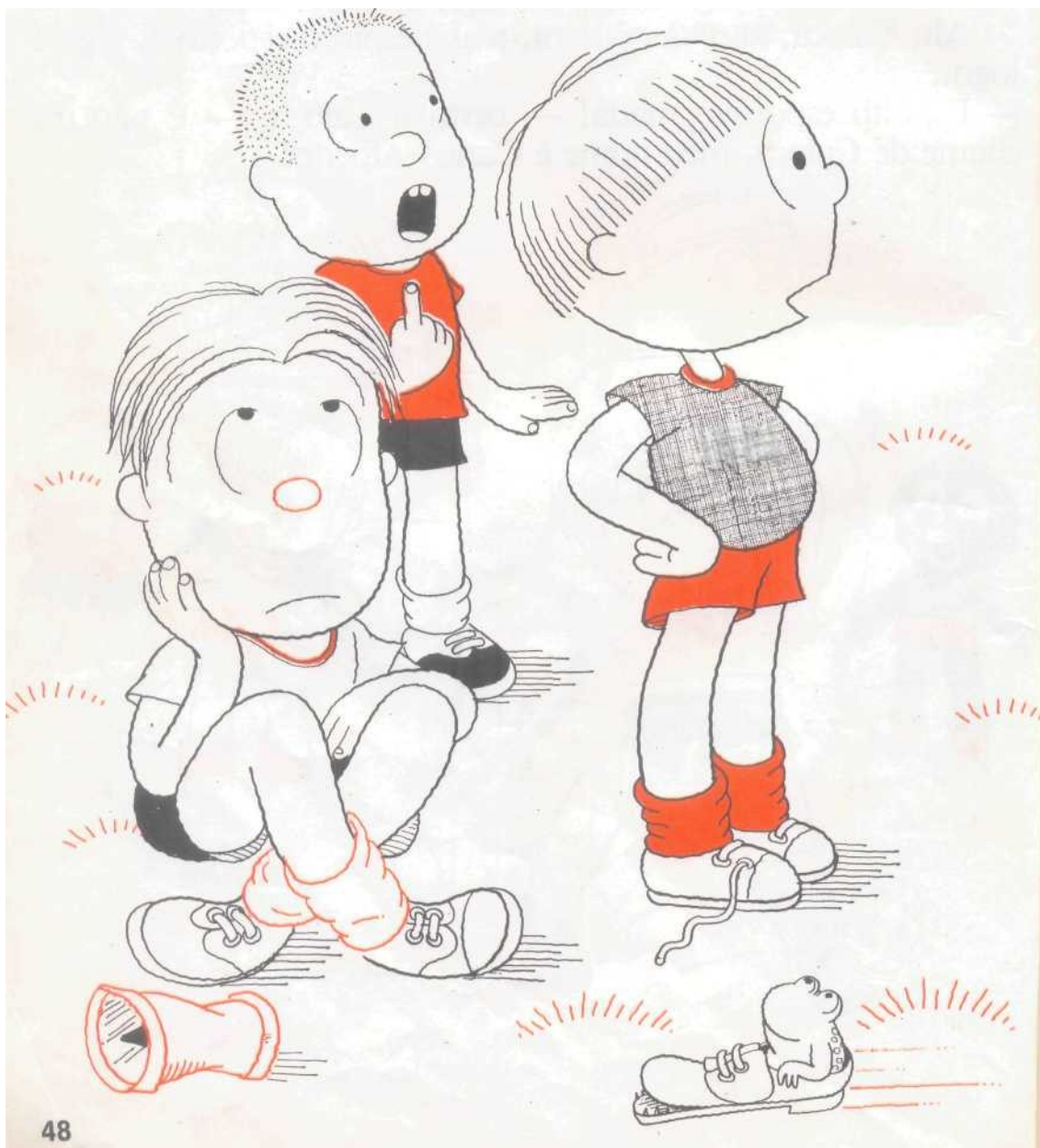
— Espírito esportivo, nada! — berrava Caloca. — E não me chame de Caloca, meu nome é Carlos Alberto!



E, assim, Carlos Alberto acabava com tudo que era jogo.

A coisa começou a complicar mesmo, quando resolvemos entrar no campeonato do nosso bairro. A gente precisava treinar com bola de verdade para não estranhar na hora do jogo.

Mas os treinos nunca chegavam ao fim. Carlos Alberto estava sempre procurando encrenca:

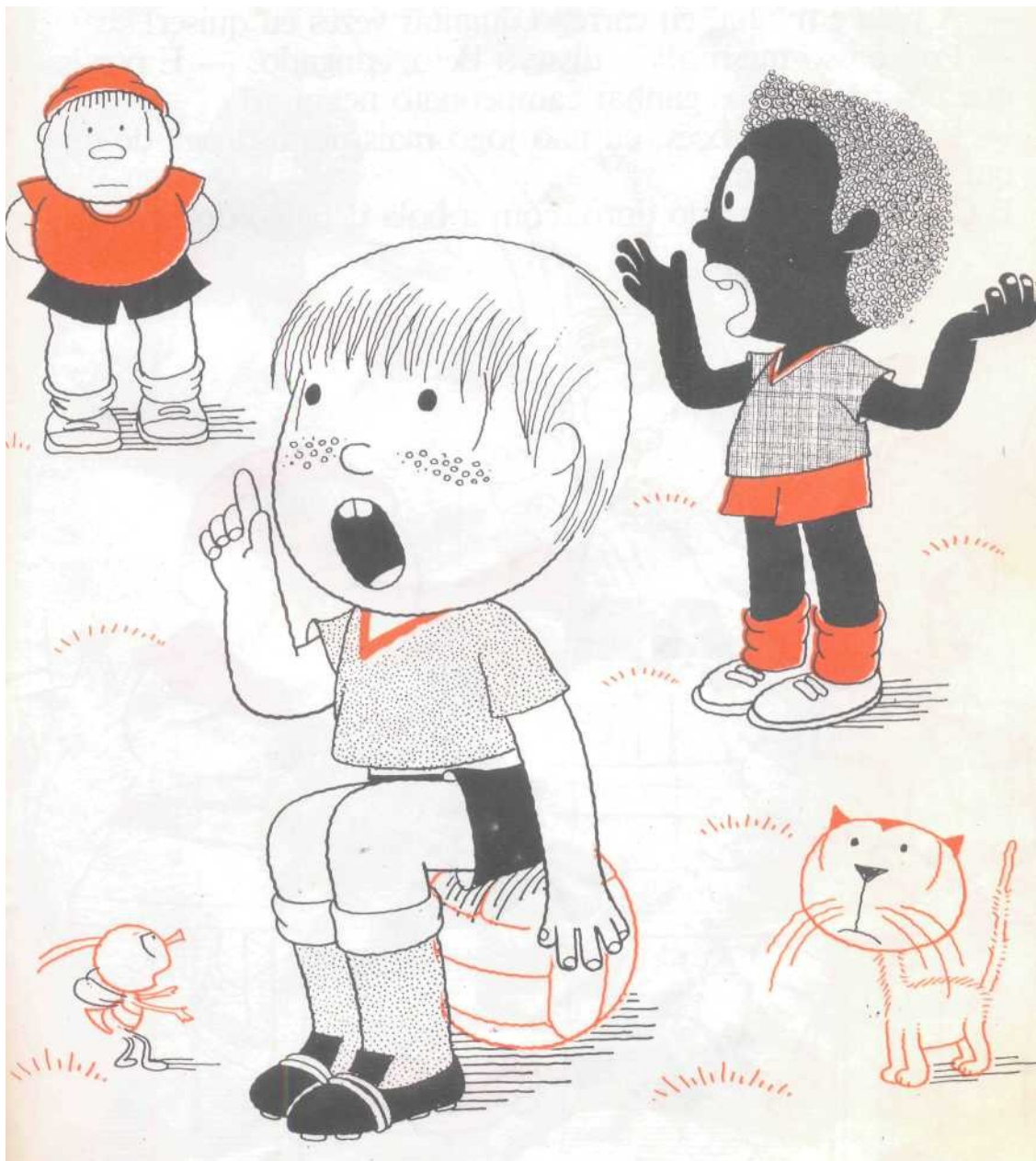


— Se o Beto jogar de centroavante, eu não jogo!

— Se eu não for o capitão do time, vou embora!

— Se o treino for muito cedo, eu não trago a bola!

E quando não se fazia o que ele queria, já se sabe, levava a bola embora e adeus, treino.



Catapimba, que era o secretário do clube, resolveu fazer uma reunião:

— Esta reunião é pra resolver o caso do Carlos Alberto. Cada vez que ele se zanga, carrega a bola e acaba com o treino. Carlos Alberto pulou, vermelhinho de raiva:

— A bola é minha, eu carrego quantas vezes eu quiser!

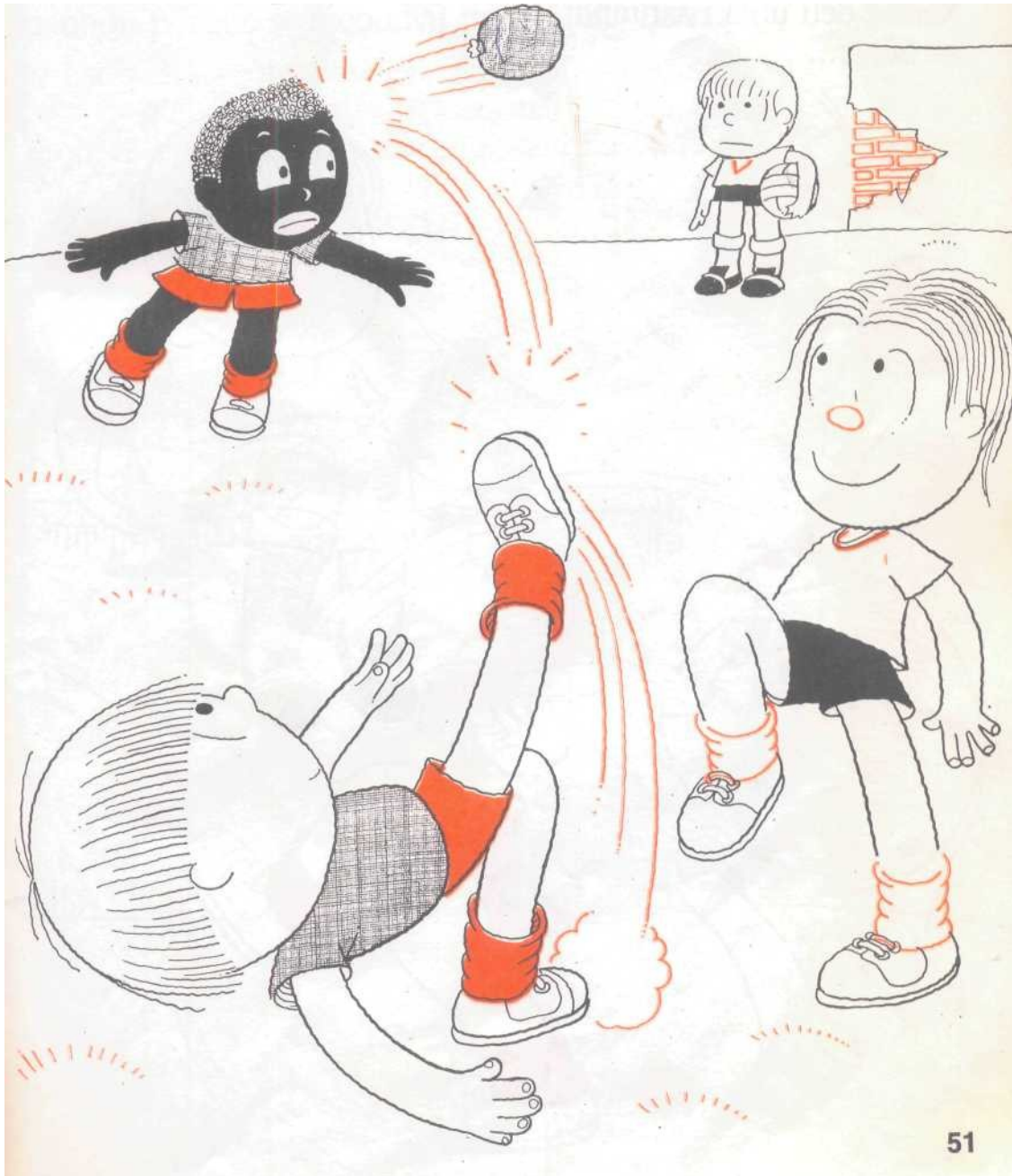
— Pois é isso mesmo! — disse o Beto, zangado. — É por isso que nós não vamos ganhar campeonato nenhum!

— Pois, azar de vocês, eu não jogo mais nessa droga de time, que nem bola tem!

E Caloca saiu pisando duro, com a bola debaixo do braço.



Todas as vezes que o Carlos Alberto fazia isso, ele acabava voltando e dando um jeito de entrar no time de novo. Mas, daquela vez, nós estávamos por aqui com ele. A primeira vez que ele veio ver os treinos, ninguém ligou.

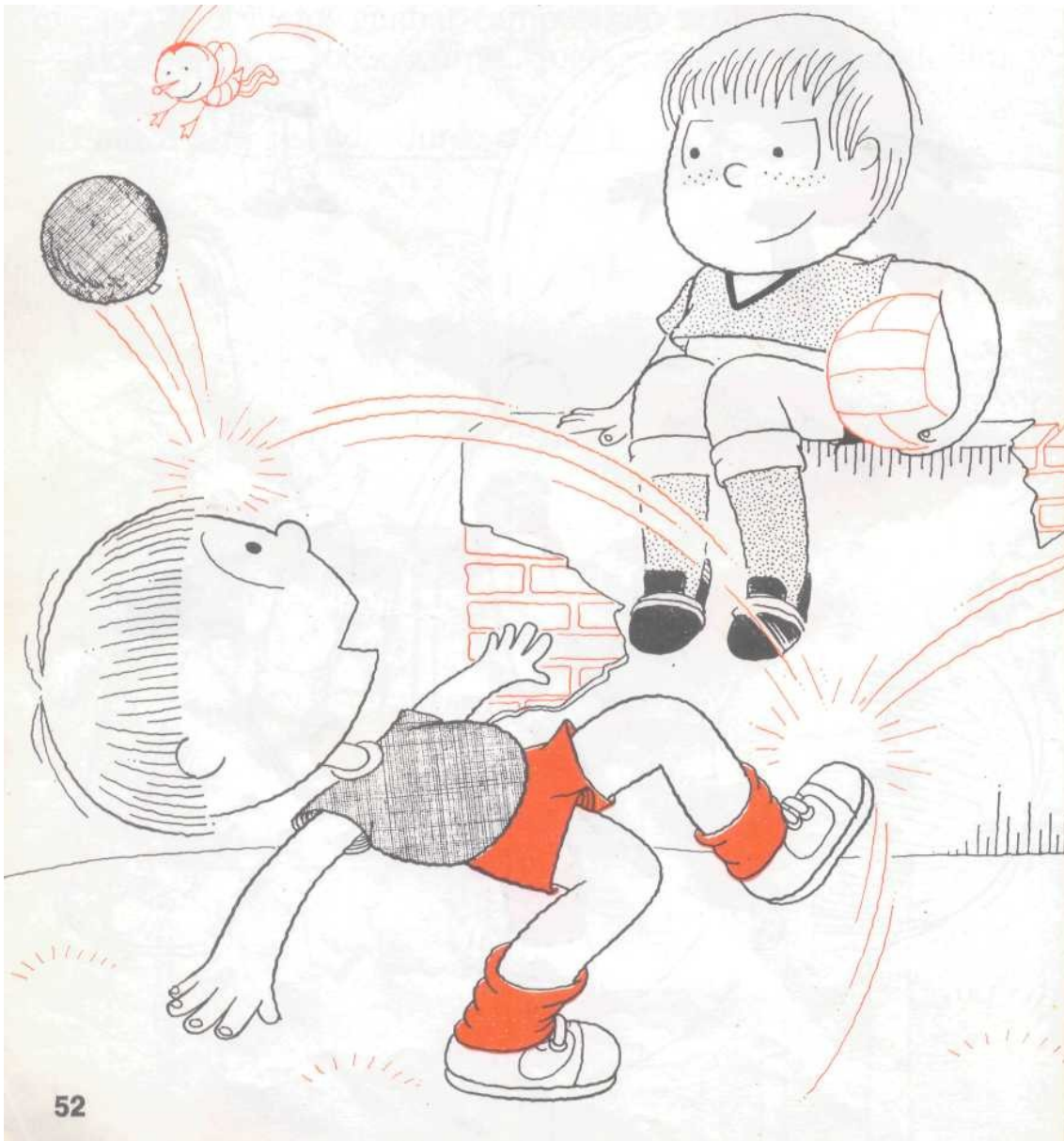


Ele subiu no muro, com a bola debaixo do braço como sempre, e ficou esperando que alguém pedisse para ele jogar. Mas ninguém disse nada. Quando o Xereta passou por perto, ele puxou conversa:

— Que tal jogar com bola de meia?

Xereta deu uma risadinha:

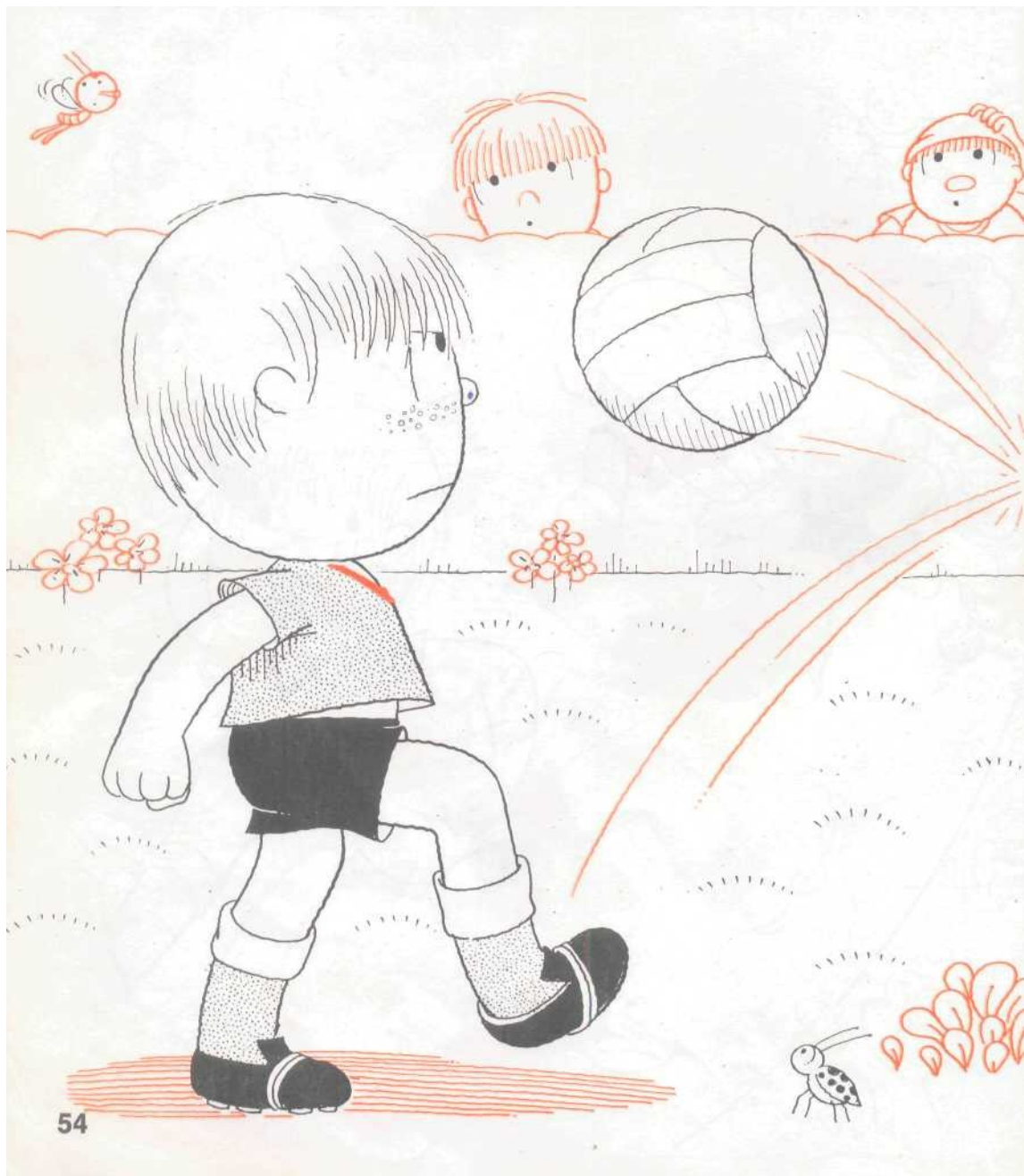
— Serve...



Um dia, nós ouvimos dizer que o Carlos Alberto estava jogando no time do Faz-de-Conta, que é um time lá da rua de cima. Mas foi por pouco tempo. A primeira vez que ele quis carregar a bola no melhor do jogo, como fazia conosco, se deu muito mal... O time inteiro do Faz-de-Conta correu atrás dele e ele só não apanhou porque se escondeu na casa do Batata.



Aí, o Carlos Alberto resolveu jogar bola sozinho. A gente passava pela casa dele e via. Ele batia bola com a parede. Acho que a parede era o único amigo que ele tinha. Mas eu acho que jogar com a parede não deve ser muito divertido. Porque, depois de três dias, o Carlos Alberto não agüentou mais. Apareceu lá no campinho.



- Se vocês me deixarem jogar, eu empresto a minha bola.
- Nós não queremos sua bola, não.
- Ué, por quê?
- Você sabe muito bem. No melhor do jogo você sempre dá um jeito de levar a bola embora.
- Eu não, só quando vocês me amolam.
- Pois é por isso mesmo que nós não queremos, só se você der a bola para o time de uma vez.
- Ah, essa não! Está pensando que eu sou bobo?



E Carlos Alberto continuou sozinho. Mas eu acho que ele já não estava gostando de estar sempre sozinho. No domingo, ele convidou o Xereta para brincar com o trem elétrico. Na segunda, levou o Beto para ver os peixes na casa dele. Na terça, me chamou para brincar de índio. E, na quarta, mais ou menos no meio do treino, lá veio ele com a bola debaixo do braço.



— Oi, turma, que tal jogar com uma bola de verdade?

Nós estávamos loucos para jogar com a bola dele. Mas não podíamos dar o braço a torcer.

— Olha, Carlos Alberto, você apareça em outra hora. Agora, nós precisamos treinar — disse Catapimba.

— Mas eu quero dar a bola ao time. De verdade!

Nós todos estávamos espantados:

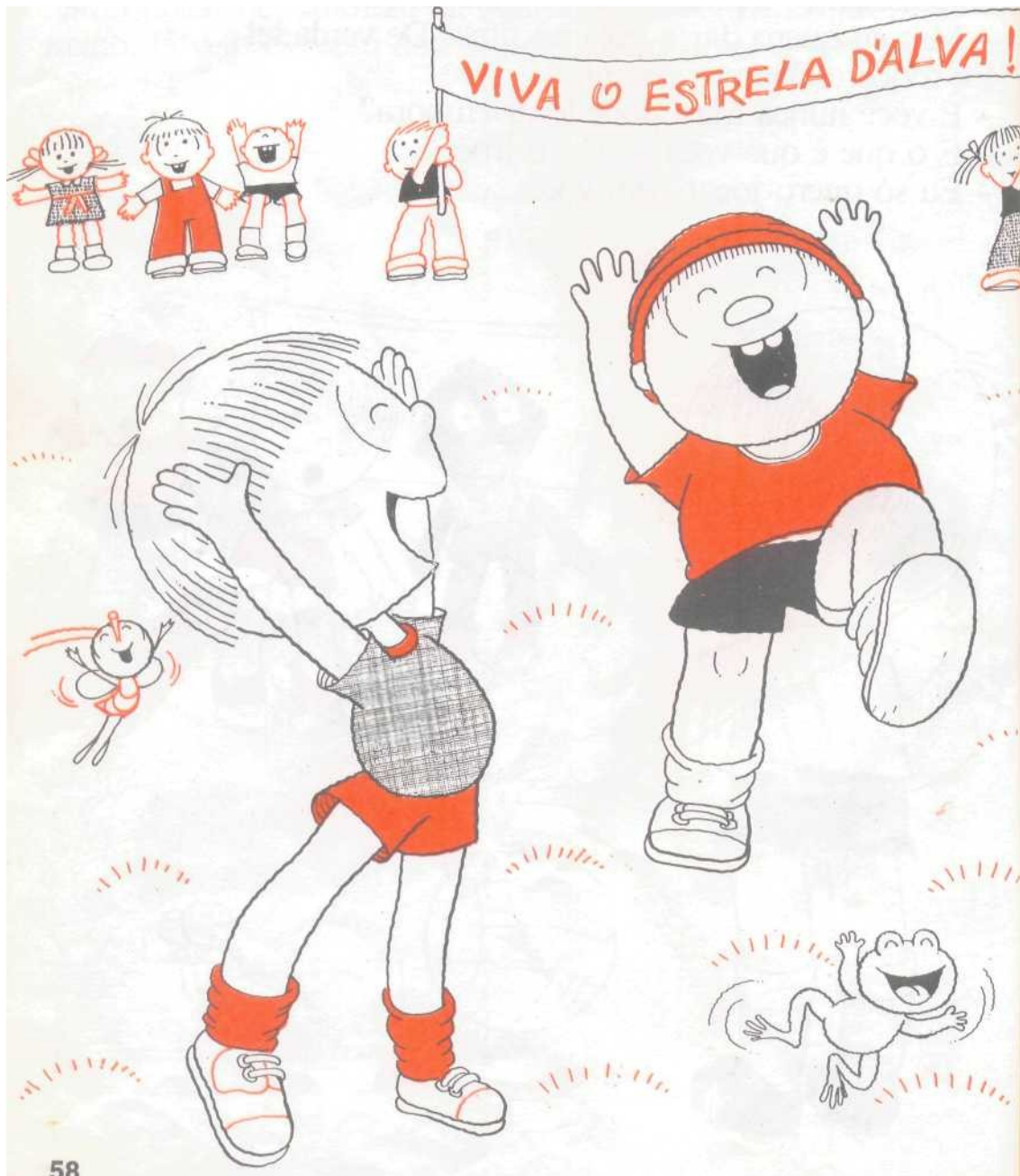
— E você nunca mais pode levar embora?

— E o que é que você quer em troca?

— Eu só quero jogar com vocês...



Os treinos recomeçaram, animadíssimos. O final do campeonato estava chegando e nós precisávamos recuperar o tempo perdido. Carlos Alberto estava outro. Jogava direitinho e não criava caso com ninguém.



E, quando nós ganhamos o jogo final do campeonato, todo mundo se abraçou.

A gente gritava:

— Viva o Estrela-d'Alva Futebol Clube!

— Viva!

— Viva o Catapimba!

— Viva!

— Viva o Carlos Alberto! — Viva!

Então, o Carlos Alberto gritou:

— Ei, pessoal, não me chamem de Carlos Alberto! Podem me chamar de Caloca!



Faça de conta
que Caloca tinha um diário.
Escreva o diário do Caloca.
E conte como é
que o Caloca se sentia,
desde que ganhou a bola
até que deu a bola
ao time.
Você já deu alguma coisa sua
a seus amigos?



